

## PROFESSORES DE HISTÓRIA E SUA RELAÇÃO COM A POLÍTICA: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA NA AMÉRICA DO SUL\*

*Caroline Pacievitch\*\**

*Luis Fernando Cerri\*\*\**

**Resumo:** Este texto apresenta resultados preliminares de uma pesquisa vinculada ao Projeto “Jovens e História no MERCOSUL”, que tem por objetivo oferecer um panorama estatístico e comparado (Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai) do pensamento de jovens e seus professores sobre a história ensinada e as diferentes formas em que a história se apresenta em suas vidas. Os questionários respondidos pelos professores (288) são o instrumento de pesquisa deste artigo, cujo objetivo é apresentar um perfil dos participantes. Em primeiro lugar, o texto expõe o problema da pesquisa, que se ocupa do pensamento dos professores de História sobre política e utopia. Em segundo lugar, alguns dados sobre o perfil dos professores são apresentados e interpretados: idade, sexo, nível de formação e tempo de experiência profissional. Por fim, algumas comparações preliminares entre o perfil dos docentes e suas respostas sobre sua identificação política são ensaiadas, onde se destaca alto nível de interesse pela política, vinculada ao apreço pela esquerda como opção políticas, junto ao rechaço por posições de centro ou de direita.

**Palavras-chave:** Didática da História; Formação de Professores de História; Política; Mercosul.

---

\* Uma primeira versão deste texto, em espanhol, foi apresentada nas XV Jornadas Nacionales e IV Internacionales de Enseñanza de la Historia da APEHUN (Santa Fe, Argentina), em setembro de 2014. O presente texto desenvolve as análises então apresentadas e inclui os dados do Paraguai que ainda não estavam disponíveis naquele momento.

\*\* Doutora em Educação, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS), Porto Alegre, RS, Brasil.  
E-mail: pacievitch@gmail.com

\*\*\* Doutor em Educação, professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR, Brasil.  
E-mail: lfcronos@yahoo.com.br

## HISTORY TEACHERS AND THEIR RELATIONSHIP WITH POLITICS: A COMPARATIVE APPROACH IN SOUTH AMERICA

**Abstract:** This paper presents some preliminary research results associated with the project Youth and History in Mercosul (*Jovens e História no Mercosul*). The project aims to offer a statistical and comparative perspective (Brazil, Argentina, Chile, Uruguay, and Paraguay) about young people's – and their history teachers' – thinking, on the ways that history appears in their lives and at school. This paper's survey tools are the questionnaires (288) answered by the history teachers and the purpose of which was to present a profile of the teachers. First, this text presents the research problem, which is related to the thoughts of history teachers about politics and utopia. Second, some data on the teachers' profile are presented and interpreted, e.g., age, sex, professional education and experience. Finally, some preliminary comparisons between teachers' profiles and their answers about political identification are introduced. There are high levels of interest in politics associated with the political leftist position and rejection to central or right-wing stands.

**Keywords:** Didactics of History; History Teachers Training; Politics; Mercosul.

## PROFESORES DE HISTORIA Y SU RELACIÓN CON POLÍTICA: UN ABORDAJE COMPARATIVO EN AMÉRICA DEL SUR

**Resumen:** Este texto presenta resultados preliminares de una investigación vinculada al Proyecto “Jovens e História no MERCOSUL”, que tiene por objetivo ofrecer un panorama estadístico y comparado (Brasil, Argentina, Chile, Uruguay y Paraguay) del pensamiento de jóvenes y sus profesores sobre la historia enseñada y las diferentes formas en que la historia se presenta en sus vidas. Los cuestionarios contestados por los profesores (doscientos ochenta y ocho) son la herramienta de investigación del presente artículo, cuyo objetivo es presentar un perfil de los participantes. En primer lugar, el texto expone el problema de la investigación, que se ocupa del pensamiento de los profesores de Historia sobre política y utopía. En segundo lugar, se presentan y se interpretan datos del perfil de los docentes: edad, sexo, nivel de formación y tiempo de experiencia profesional. Por fin, se ensayan unas comparaciones preliminares entre el perfil de los docentes y sus respuestas sobre su identificación política, donde se destaca alto nivel de interés por la política, vinculada a un aprecio a la izquierda como opción política y un rechazo a posiciones de centro o de derecha.

**Palabras clave:** Didáctica de la Historia; Formación de Profesores de Historia; Política; Mercosur.

## Introdução

Este texto compila e discute dados iniciais da investigação de pós-doutorado<sup>1</sup> vinculada ao projeto “Jovens e História no MERCOSUL”, que tem por objetivo oferecer um panorama estatístico comparado do pensamento dos jovens e seus professores sobre a história ensinada e as diferentes formas em que a história se apresenta em suas vidas. O desenho amostral envolve Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai. Nesse texto, trabalharemos principalmente com os 288 questionários respondidos por professores, procurando apresentar um perfil dos participantes.

O primeiro tópico deste texto destina-se a estabelecer o viés a partir do qual os dados serão analisados, que é o pensamento dos professores de História sobre política e utopia. A seguir, são apresentados os dados de perfil dos docentes, para em seguida ensaiar comparações preliminares entre o perfil dos docentes e suas respostas sobre identificação política.

O ponto de partida é um escrito de Carlota Boto (2003, p. 395) que afirma que “[...] ensinar é marcar a alma; e desta responsabilidade nenhum educador escapa”. Este é um aspecto do trabalho docente que pode ser interpretado de diferentes maneiras. Este aspecto também ajuda a perguntar quais são os elementos políticos e educacionais envolvidos nos significados da responsabilidade docente.

A formação de professores é um processo amplo e complexo, que se concretiza principalmente em instituições de ensino superior, mas que não se desligam de vivências pessoais, de perspectivas culturais e políticas e das práticas profissionais de cada futuro docente. Não é pouca a literatura acadêmica sobre crenças e perspectivas de professores (EVANS, 1990; CHIN e BARBER, 2010; JOSSO, 2004; ZAVALA e SCOTTI, 2002; CATANI, BUENO e SOUZA, 2000). Intelectuais como Eneida Shiroma e Olinda Evangelista (2004), Vera Lúcia Sabongi De Rossi (2009), Carlota Boto (2003), Patrizia Piozzi (2007), Franco Cambi (1999) e outros oferecem esclarecimentos sobre as utopias que acompanham a educação, principalmente a partir dos filósofos iluministas e das mudanças sugeridas pela Revolução Francesa. Liberais, socialistas, fascistas e outros confiaram no poder da escola para concretizar seus ideais. Isso poderia fazer dos professores, agentes políticos por excelência. Nota-se também a considerável influência destes ideais na construção da história como disciplina escolar, principalmente em sua matriz francesa.

Compreender a educação e a história como ferramentas privilegiadas para a mudança do mundo significa incumbir o professor de certas obrigações, o que pode afetar as formas como atribuem sentido e significado à sua profissão. Perspectivas adquiridas desde os primeiros contatos com a escola são responsáveis por parte das identidades docentes (BUENO, 2002; KRAMER, 1999). Entretanto, a formação institucional pode influenciar como os professores interpretam suas obrigações profissionais. Isso se converte em um tema mais importante nos tempos atuais, quando é grande a diversidade de papéis impostos à escolarização (SETÚBAL, 2010).

Neste sentido, a questão fundamental do projeto de investigação que se apresenta é: como os professores de História se orientam diante de possibilidades muito distintas de conceitualizar sua profissão e sua atuação didática? É óbvio que não se pode responder definitivamente a um problema tão amplo, de modo que pretendemos ensaiar uma aproximação a possíveis respostas, construindo o perfil dos 288 professores participantes do projeto “Jovens e História”, cujas perspectivas teórico-metodológicas já foram discutidas em outros textos de membros da equipe, ainda dentro do projeto piloto, que teve uma amostra mais restrita (CERRI e AMÉZOLA, 2007; RIBEIRO, PACIEVITCH e CERRI, 2011).

A análise dos questionários de professores obedece ao referencial principal do projeto, inspirado no conjunto de produções da área de formação do professorado em História / Ciências Sociais, principalmente em algumas teses de doutorado defendidas nos últimos 20 anos no Brasil (MESQUITA, 2008; PAIM, 2005, RICCI, 2003; MONTEIRO, 2007; CAIMI, 2006, entre outros), assim como referenciais da América Latina (VILLAQUIRÁN, 2008; VÁSQUEZ, 2004; GONZÁLEZ, 2008), da Europa (PAGÈS, 1993; BOIXADER, 2004) e do mundo anglo-saxão (EVANS, 1990; ADLER, 2004).

O questionário dirigido aos docentes segue os mesmos parâmetros de formulação dos questionários dirigidos aos jovens e está organizado segundo temas que se desenvolvem em perguntas organizadas como afirmações. Cabe aos participantes assinalar uma das alternativas valorativas, que passam por uma escala de intensidade de concordância, discordância ou neutralidade, do tipo “discordo totalmente”, “discordo”, “sem opinião”, “concordo” e “concordo totalmente”. Os docentes respondem perguntas sobre sua formação acadêmica, experiência docente em anos, particularidades do ensino de História, avaliação da capacidade dos alunos, posição política, significado da religião e da política para a vida cotidiana, métodos de ensino e aprendizagem, objetivos do ensino de História, interesses dos alunos, principais problemas da docência em seu país, fatores motivadores das mudanças históricas e projeções sobre o futuro. São elementos que podem oferecer um panorama sobre este grupo de professores de História no Mercosul.

O desenho amostral foi definido pelos membros da equipe de pesquisadores colaboradores. Optou-se por uma amostragem não probabilística. Os professores participantes foram escolhidos em função de estar ministrando aulas a grupos de jovens em torno de 15 anos e em escolas escolhidas segundo os critérios do projeto. Nas cidades participantes, uma escola de cada tipo definido (pública central, de periferia, de excelência e rural, e particular confessional, laica e alternativa/comunitária) teve uma turma de alunos e seus professores de história pesquisados. Dentro destas características, o grupo de docentes é aleatório.

Privilegiamos os dados a seguir, trabalhados em análise estatística descritiva: tempo de experiência docente, tipo de formação inicial, posicionamentos e concepções políticas e concepções didáticas. A abordagem comparativa é vantajosa para destacar as semelhanças e diferenças entre os professores dos distintos países e das variadas opções políticas.

Os objetivos do projeto de investigação pós-doutoral são dois: produzir dados representativos sobre cultura política e consciência histórica de professores de História do Mercosul e refletir sobre possíveis diagnósticos e hipóteses comparativas sobre a formação docente nos países participantes. Acredita-se que o maior desafio seja cotejar dados

quantitativos comparativamente e com estudos qualitativos, um exercício em que o diálogo com outras investigações da área será indispensável.

## Perfil do professorado participante

A amostra de professores participantes desta pesquisa não segue uma abordagem probabilística. Como o foco central do projeto são os jovens, os questionários de professores referem-se àqueles profissionais que regiam turmas no momento em que o instrumento foi aplicado aos estudantes, desde que dispostos a respondê-lo, ou outros professores de História presentes na escola no momento da coleta de dados. Por isso a amostra de professores não segue exatamente o padrão amostral estabelecido para os estudantes, pois se assim fosse, deveria haver em torno de sete professores por cidade pesquisada, uma para cada tipo de escola da amostra (públicas central, de excelência, periférica e rural e particulares empresarial laica, confessional e alternativa/comunitária), mas esse padrão não foi verificado. A tabela 1 demonstra a quantidade de professores envolvidos e o percentual por país.

Tabela 1: Distribuição dos professores por país e cidade

<b>País</b>		<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Brasil	Curitiba, PR	12	6,9
	Florianópolis, SC	12	6,9
	Dourados, MS	11	6,3
	Parintins, AM	8	4,6
	Itararé, SP	6	3,4
	Passo Fundo, RS	11	6,3
	Ponta Grossa, PR	7	4,0
	Porto Alegre, RS	19	10,9
	Teixeira de Freitas, BA	3	1,7
	Belo Horizonte, MG	6	3,4
	Aracaju, SE	4	2,3
	S.J. dos Campos, SP	10	5,7
	Cáceres, MT	10	5,7
	Cuiabá, MT	12	6,9
	Rondonópolis, MT	14	8,0
	Três Lagoas, MS	8	4,6
	Brasília, DF	2	1,1
	Curiúva, PR	4	2,3
	Ituiutaba, MG	8	4,6
	Uberlândia, MG	8	4,6
Total		175	100,0

País		Frequência	Percentual
Argentina	Bahía Blanca, B	9	11,1
	Comodoro Rivadavia, U	10	12,3
	Gral. Sarmiento, B	7	8,6
	Santa Rosa, L	13	16,0
	Mar del Plata, B	15	18,5
	Quilmes, B	13	16,0
	Santa Fe, S	12	14,8
	La Plata, B	2	2,5
	Total	81	100,0
Uruguai	Montevidéu	8	100,0
Paraguai	Assunção	4	44,4
	Itá	5	55,6
	Total	9	100,0
Chile	Santiago de Chile	15	100,0

Fonte: Projeto Jovens e História, 2012/13.

A média de idade, entre todos, é de 40 anos, com desvio padrão de dez anos<sup>2</sup>. No Chile, Argentina, Paraguai e Brasil, as médias são próximas dos 40 anos, enquanto no Uruguai se nota a média de idade mais alta, quase 47 anos. Os docentes mais velhos, antes desse país, tem 62 anos. Os professores que tem entre 22 e 30 anos representam somente 20,8% da amostra. Os professores entre 31 e 50 representam 66,7% da amostra e os demais (entre 51 e 88 anos) são 12,5% dos docentes. Disto se conclui que temos um corpo docentes cuja maioria está centrada na idade adulta, o que reflete estabilidade na profissão, como se verifica no gráfico 1: a evolução das faixas de tempo de exercício do magistério cruzadas com a idade formam o desenho de uma “escada” que, para além de valores divergentes e minoritários, projeta um fluxo normal de entrada, permanência e saída da profissão sem interrupções ou vazios.

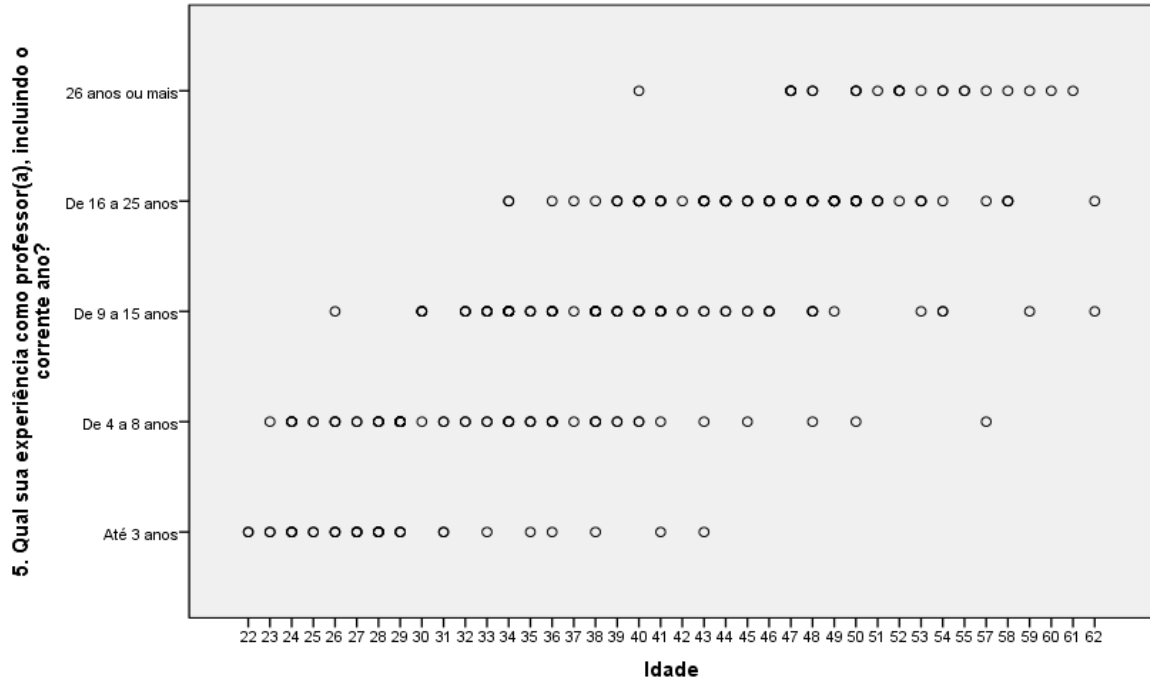
Tabela 2: médias de idade entre países

País	Idade	
	Média	Desvio padrão
Brasil	39,7	9,23
Argentina	39,85	11,62
Uruguai	46,87	11,59
Chile	41	6,66
Paraguai	38,75	6,34
Total	40,02	10,017

Fonte: Projeto Jovens e História, 2012/13.

É interessante perguntar se a média de idade tem a ver igualmente com um maior tempo de experiência. É o que informam a tabela 3 e o gráfico 1. Nesse, círculos mais escuros significam a coincidência de vários indivíduos, enquanto os círculos mais claros significam a ocorrência de um único caso. Percebe-se que a entrada na profissão, em sua maior parcela, se dá até os 31 anos de idade, e os que resistem na carreira após 26 anos de magistério também são minoria, indicando um estrangulamento da pirâmide etária dos professores na base e no topo (gráfico 2).

Gráfico 1: distribuição da idade por faixa de tempo de experiência no magistério



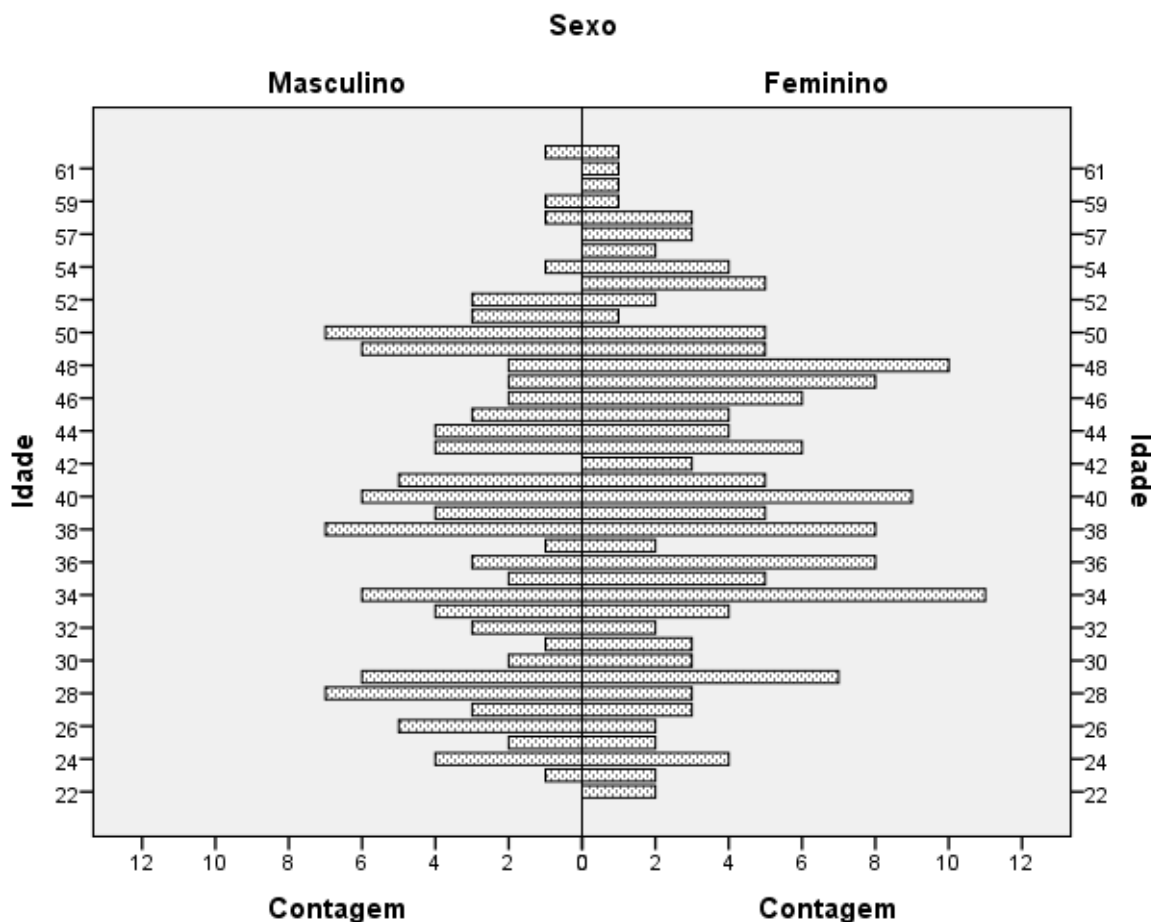
Fonte: Projeto Jovens e História, 2012/13.

Tabela 3: experiência profissional geral

Qual é sua experiência como professor?		Frequência	Percentual Válido
Válidos	Até 3 anos	32	12,2
	De 4 a 8 anos	57	21,8
	De 9 a 15 anos	71	27,1
	De 16 a 25 anos	79	30,2
	26 anos ou mais	23	8,8
Total		262	100
Ausentes	N. resp.	5	
Total		267	

Fonte: Projeto Jovens e História, 2012/13.

Gráfico 2: Pirâmide etária dos professores de História participantes



Fonte: Projeto Jovens e História, 2012/13.

A tabela 3 e o gráfico 2 informam que a experiência docente deste grupo pode ser classificada como de média a extensa, quer dizer, pode-se imaginar que os participantes são adultos, com mais de 30 anos e que tem tempo de experiência profissional suficiente para falar sobre ela com algum conhecimento. Os que recém ingressaram na carreira são 12,2%, o que reflete dados de outras investigações, destacando uma possível diminuição dos interessados em entrar em carreiras docentes. Ao mesmo tempo, salienta-se que o abandono da profissão é um dado relevante neste grupo dada à pequena quantidade de participantes que chega às idades mais avançadas, sobretudo no caso masculino.

Há mais docentes do sexo feminino que masculino, da ordem de 60% de mulheres, o que está compatível com os estudos que demonstram a feminização do magistério, que é um pouco menor no caso dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Somente no Chile a amostra se constitui de uma pequena maioria de docentes homens. A maioria feminina reflete as estatísticas sobre o professorado no Brasil, e fica clara na pirâmide do gráfico 2. Não foram encontradas diferenças substanciais entre as idades dos professores iniciantes e o sexo.



Entre 22 e 30 anos há 30 homens e 28 mulheres. Porém, entre os professores entre 31 a 50 anos, a diferença cresce para a proporção verificada, de 60% de mulheres e 40% de homens. Há 72 homens e 113 mulheres. No grupo de docentes de 51 anos ou mais, a diferença entre homens e mulheres se mantém na mesma proporção da faixa anterior: há 17 homens e 25 mulheres. Não se pode afirmar que é um sinal de que a feminização do magistério é coisa de tempos passados. Talvez signifique que muitos homens começaram suas vidas profissionais como professores, mas depois migram para outras ocupações. Possivelmente, essas vagas são ocupadas por mulheres que começam a carreira mais tarde. Somente investigações de tipo horizontal poderiam oferecer pistas mais conclusivas.

O questionário nos permite aproximar um pouco mais da formação docente inicial desses professores. Somente oito deles não possuem títulos universitários ou terciários, sete na Argentina e um no Chile, e 86,7% de todos os docentes tem formação superior em História, seja em uma universidade, seja em um instituto superior de formação docente. No Brasil está a maior parte dos professores que não possuem curso na área de História, são 17 docentes. A tabela 4 informa os dados sobre formação docente inicial e o gráfico 2 oferece informações sobre os docentes que possuem curso de pós-graduação.

Tabela 4: Formação docente inicial

<b>1. Qual é sua formação docente?</b>			Frequência	Percentual
Outro curso superior que não de formação de professores de História			29	10,1
Curso superior de formação de professores de História de uma universidade			173	60,1
Curso superior de formação de professores de História de um instituto superior de formação docente <sup>3</sup>			74	25,7
Não possuo curso superior			8	2,8
Sem resposta			4	1,3
<b>Total</b>			<b>288</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Projeto Jovens e História, 2012/13.

Tabela 5: Formação na pós-graduação

<b>País</b>			<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Brasil	Válidos	Não	44	27,2
		Sim, em área diferente da História	48	29,6
		Sim, na área de História	70	43,2
	Total	162	100,0	
Não válidos	Erro Preench.	1		
	Total	163		

País			Frequência	Percentual
Argentina	Válidos	Não	43	53,8
		Sim, em área diferente da História	15	18,8
		Sim, na área de História	22	27,5
		Total	80	100,0
	Não válidos	N. Resp.	1	
			Total	81
Uruguai	Válidos	Não	2	25,0
		Sim, em área diferente da História	3	37,5
		Sim, na área de História	3	37,5
		Total	8	100,0
Chile	Válidos	Não	6	42,9
		Sim, em área diferente da História	4	28,6
		Sim, na área de História	4	28,6
		Total	14	100,0
	Não válidos	N. Resp.	1	
			Total	15
Paraguai	Válidos	Não	6	66,7
		Sim, em área diferente da História	3	33,3
		Total	15	100,0

Fonte: Projeto Jovens e História, 2012/13.

Nos dados conjuntos dos quatro países, os docentes que têm pós-graduação são quase o dobro dos que não possuem, mas percebe-se a heterogeneidade desse dado ao olhar país por país. Ainda olhando globalmente os dados, em todos os níveis de experiência profissional, o número de professores pós-graduados supera o número dos que não tem pós-graduação, exceto na faixa de até três anos de experiência. Cerca de 3/4 dos professores com maior experiência (16 a 25 anos) possuem pós-graduação, sendo esse índice parecido entre os professores que tem entre 9 e 15 anos (70%), assim como entre os que têm de 4 a 8 anos de experiência (61%).

O quadro de professores brasileiros é bastante diverso: tem o segundo maior número de professores sem formação específica para ensinar história (9,14% dos participantes), porém acumula 74% dos docentes com um curso de pós-graduação. A Argentina tem 8,6% dos docentes pesquisados sem formação específica e 46% com curso de pós-graduação. No caso de Chile e Uruguai a amostra é reduzida e nela não aparecem chilenos sem formação específica em história, sendo que destes, 57% são pós-graduados. Na amostra uruguaia 25% dos docentes não têm formação específica em história, mas 75% dos docentes são pós-graduados,

enquanto no Paraguai 44% dos que têm nível superior não são formados em história, embora 1/3 seja pós-graduado.

Com esses dados é possível dizer que o perfil dos docentes participantes da investigação está equilibrado entre homens e mulheres, a idade média está em torno de 40 anos, e a experiência profissional está acima de dez anos. São formados para serem professores de história e em sua maioria buscaram ampliar seus conhecimentos por meio de programas de pós-graduação. Pode-se pensar, portanto, que os resultados desta investigação – que não tinha a intenção de buscar professores com um ou outro perfil profissional – demonstram a opinião de docentes experientes e maduros, com bom conhecimento de sua área de trabalho.

## Política e utopia

Nesta parte apresentamos informações sobre a posição política dos professores participantes, em relação com os dados anteriormente apresentados sobre perfil, e com uma investigação qualitativa desenvolvida por Pacievitch (2012). Começamos por uma pergunta direta, apresentada na tabela 6: qual é o seu interesse pela política? Os dados estão em números absolutos e relativos.

Tabela 6: Interesse pela política

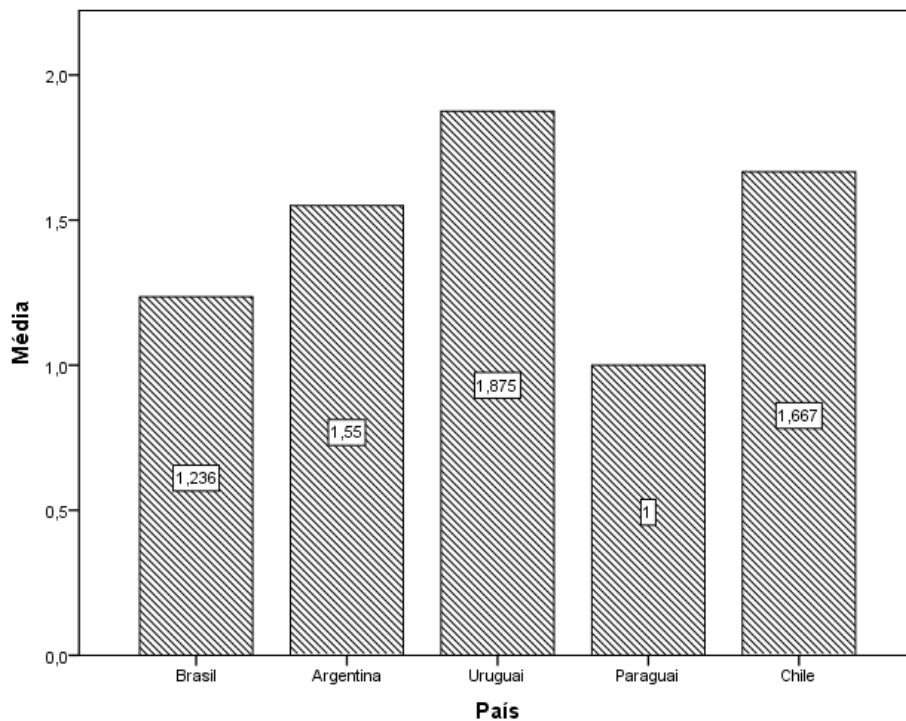
País x “Qual é o seu interesse pela política?”		Nenhum	Pequeno	Médio	Grande	Muito grande
Brasil	Quantidade	2	1	27	61	71
	Percentual	1,2%	0,6%	16,6%	37,6%	43,8%
Argentina	Quantidade	1	0	2	28	49
	Percentual	1,2%	0%	2,5%	35%	61,2%
Uruguai	Quantidade	0	0	0	1	7
	Percentual	0%	0%	0%	12,5%	87,5%
Chile	Quantidade	0	0	1	3	11
	Percentual	0%	0%	6,6%	20%	73,3%
Paraguai	Quantidade	1	0	0	5	3
	Percentual	11,1	0%	0%	55,6%	33,3%

Fonte: Projeto Jovens e História, 2012/13.

É fácil notar que os percentuais mais importantes, em todos os países, estão na última opção: para esses docentes, experientes e interessados em seu aperfeiçoamento, interessa muito a política. Somente em Brasil e Argentina, três docentes informaram não interessar-se nem um pouco pela política. As posições um pouco mais neutras ou centrais tampouco foram as mais frequentes. Se somarmos “grande interesse” e “interesse muito grande”, teremos 79,03% para o Paraguai, 81,48% para o Brasil e impressionantes 93,33% para o Chile, 96,25%

para Argentina e 100% para o Uruguai. Entretanto, ter interesse pela política pode significar muitas coisas: não necessariamente que estes professores confirmam o estereótipo (inclusive explorado pela “nova direita” brasileira), de que os professores de História são revolucionários de esquerda e que fazem tudo o que podem para politizar seus alunos. Sigamos os dados para procurar mais pistas.

Gráfico 3: Interesse em política



Fonte: Projeto Jovens e História, 2012/13.

A tabela 7 informa qual é a participação na política declarada pelos professores envolvidos no estudo. No Brasil, mais da metade dos docentes participa frequentemente ou sempre da política, um valor próximo dos colegas chilenos, porém muito mais significativo que no caso da Argentina ou do Uruguai. Todavia, talvez o dado que mais interesse seja o extremo negativo, que é “nunca participo”. A Argentina tem 21,25% de docentes que nunca participaram da política, porém somente 6,79% dos professores brasileiros escolheram essa opção para sua resposta, aproximando-se dos seus companheiros do Chile (6,66%) e do Uruguai (12,5%).

Talvez, ao observar os números absolutos presentes na Tabela 6, seja possível notar que, em sua própria opinião, os professores brasileiros costumam participar da política com certa frequência. Infelizmente não é possível adentrar no sentido profundo do que seja participação política para cada participante, e esses números tão diferentes podem resultar de uma diferença cultural de definições. Se tomarmos a definição de política de Hannah Arendt (2010), política transparece em momentos de liberdade, em que discutimos e expomos nossas ideias para que se produzam coisas novas. Norberto Bobbio (1998) prefere definir

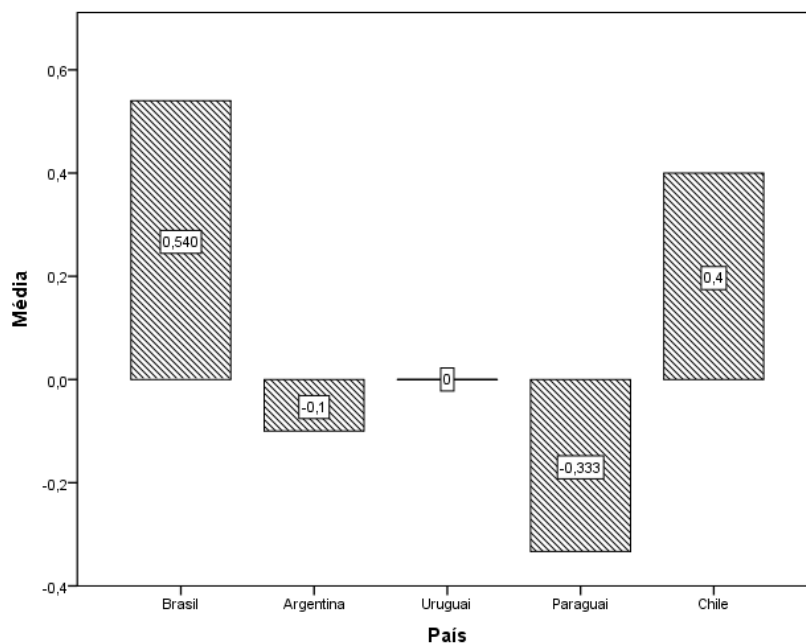
política junto a questões de poder, porém se aproxima de uma compreensão da política como atividade humana de interesse pela polis.

Tabela 7: Participação política

País x “Sobre sua participação na política”		Nunca participo	Participo raramente	Participo às vezes	Participo frequentemente	Participo sempre
Brasil	Quantidade	11	17	45	56	33
	Percentual	6,8%	10,5%	27,7%	34,5%	20,3%
Argentina	Quantidade	17	10	27	16	10
	Percentual	21,2%	12,5%	33,7%	20%	12,50%
País Uruguai	Quantidade	1	0	6	0	1
	Percentual	12,5%	0%	75%	0%	12,5%
Chile	Quantidade	1	1	6	5	2
	Percentual	6,6%	6,6%	40%	33,3%	13,3%
Paraguai	Quantidade	2	1	4	2	0
	Percentual	22,2%	11,1%	44,4%	22,2%	0%

Fonte: Projeto Jovens e História, 2012/2013.

Gráfico 4: Qual a sua participação política?



Fonte: Projeto Jovens e História 2012/13.

E se tomamos em consideração os intelectuais que tratam de culturas políticas (SANI, 2008), há muitas coisas que podem ser consideradas atividades políticas, nem sempre conectadas com a política partidária ou eleitoral. Na investigação qualitativa, temos percebido que os professores tendem a tomar como “participação” atuação em reuniões de movimentos feministas, em organizações não governamentais de assistência social ou em atividades vinculadas a igrejas.

Se a discussão teórica não nos pode trazer luzes sobre quais poderiam ser as intenções dos docentes em afirmar frequente participação na política, a tabela 8 pode ajudar com a direção das intenções políticas dos professores.

Tabela 8: Inclinações políticas: esquerda ou direita

País x “Nas eleições, você geralmente vota em candidatos e partidos de...”		Esquerda	Centro-esquerda	Centro	Centro-direita	Direita
Brasil	Quantidade	83	53	13	8	4
	Percentual	51,55%	32,91%	8,07%	4,96%	2,48%
Argentina	Quantidade	18	37	13	8	3
	Percentual	22,78%	46,83%	16,45%	10,12%	3,79%
Uruguai	Quantidade	5	3	0	0	0
	Percentual	62,50%	37,5,10%	0,00%	0,00%	0,00%
Chile	Quantidade	9	5	0	1	0
	Percentual	60,00%	33,33%	0,00%	6,66%	0,00%
Paraguai	Quantidade	0	4	2	1	1
	Percentual	0%	44,4%	22,2%	11,1%	11,1%

Fonte: Projeto Jovens e História.

Professores de História, uruguaios ou chilenos, participantes do projeto “Jovens e História”, não votam nem no centro, nem à direita. No caso brasileiro, se somamos os docentes que votam em centro, centro-direita e direita, teremos 15,52% do total. Para os argentinos, temos 30,37%, que é um valor próximo ao quadro paraguaio, entretanto não supera os 46,83% que preferem centro-esquerda, novamente um número muito próximo ao paraguaio. Da mesma forma que ocorre com a noção de participação política, as noções de esquerda e de direita também podem variar culturalmente, de país para país.

Por outro lado, o grupo de professores que votam na esquerda e na centro-esquerda no Uruguai são 100%, no Chile são 93,33%, no Brasil são 84,47% e na Argentina, 69,62%. Não há dúvida de que uma das representações mais correntes sobre o professor de História encontra-se refletida nessa investigação: de fato, os docentes são muito interessados em política e se identificam com partidos políticos e candidatos de esquerda e centro-esquerda. Há uma importante rejeição ao centro e à direita, talvez com exceção da Argentina, que tem o maior percentual de professores de História identificados com o centro e a centro-direita.

Ademais, não se trata de um professorado jovem, que poderia justificar uma ilusão pela política que poderia se desfazer com o tempo, no contato com a “dura realidade” das salas de aula. Cabe, novamente, a ressalva de que, dadas as especificidades do espectro político em cada país, não é possível generalizar as definições de cada posição política, o mesmo ocorrendo com as comparações entre as amostras dos países selecionados, nesse quesito. Novamente, abre-se espaço para pesquisas qualitativas ou pesquisas quantitativas com temática mais específica.

Se não é possível saber, por meio dos dados aqui disponíveis, que tipo de participação política esses professores tem, é certo que se mobilizam - e maciçamente - à esquerda, com forte rejeição a posições de centro ou de direita. Se ainda seguimos Norberto Bobbio (1999), podem-se compreender as posições de esquerda como conectadas essencialmente com a igualdade, mas que a outras categorias como liberdade ou tradição.

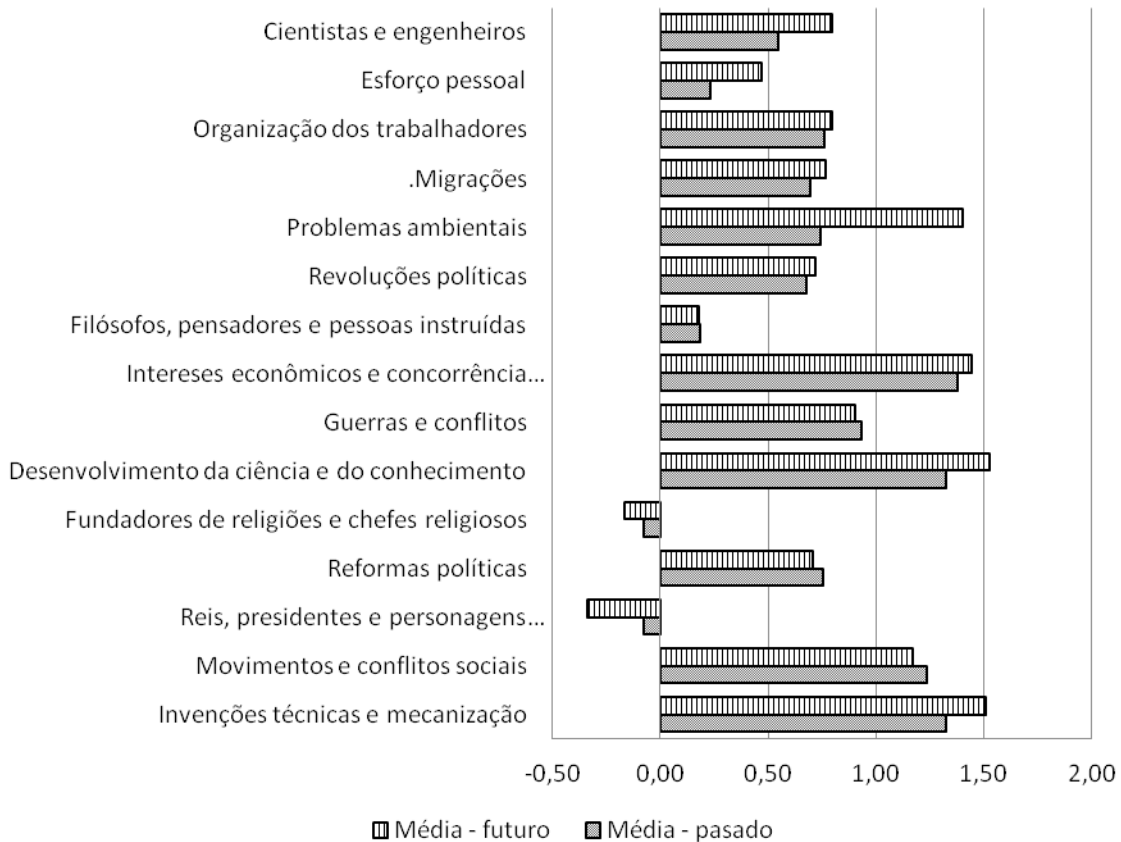
Na investigação qualitativa de Pacievitch, o apreço à posição política de esquerda não se nota de forma tão definida, porém se define a democracia de tipo substantivo (BOBBIO, 1998, p. 326), valores de caráter humanista (CHAUÍ, 2008) e, principalmente entre professores de gerações mais jovens, a tolerância e a diversidade cultural. São posições que se cruzam com os referenciais teóricos favoritos dos professores, principalmente da área de história - que começam em autores como Eric Hobsbawm e Josep Fontana, passam por distintos referenciais dos “Annales” (Marc Bloch, Jacques Le Goff) e terminam em autores como Carlo Ginzburg, Roger Chartier e Hayden White.

Todavia, são necessários outros cruzamentos de dados para fazer afirmações mais específicas. Para os limites deste texto, exploramos somente uma possibilidade de cruzamento com elementos da consciência histórica a partir de dados presentes no Gráfico 5. As perguntas que originaram o gráfico eram “Que influência você acha que tiveram os seguintes fatores na mudança da vida das pessoas desde 1970 até hoje?” e “Que influência você acha que terão os seguintes fatores na mudança da vida das pessoas de agora até 2.050?”. Os professores puderam escolher, para cada fator, entre as opções a seguir. Cada uma foi “traduzida” para um número de escala, e no gráfico 5 as barras representam as médias dos valores escolhidos pelos professores dentro da escala “muito pouca (= -2)”, “pouca (= -1)”, “média (= 0)”, “importante (= 1)” e “muito importante (= 2)”.

De todos os dados que este gráfico oferece, vamos destacar, em primeiro plano, que os fatores que influenciavam o passado e que influenciarão o futuro, para os docentes, são essencialmente os mesmos, quase todos em equilíbrio. Está claro que chefes religiosos e os reis, presidentes e personagens politicamente importantes destacados perderão espaço nas próximas décadas.

Gráfico 5: Fatores que influenciaram as mudanças no passado e no futuro próximo.

## Fatores de mudança na história segundo professores



Fonte: Projeto Jovens e História, 2012/13.

Talvez a presença do elemento “personagens politicamente importantes” no mesmo item de reis possa ter afetado as respostas (já que todos os países investigados são repúblicas), porém não há dúvida de que para os professores de História é mais claro que as invenções técnicas, os movimentos sociais, a ciência, a competição econômica e os problemas ambientais são e continuarão a ser os grandes responsáveis por mudanças. De modo geral, entretanto, cabe destacar que, no intervalo de cerca de 80 anos delimitado por essas duas questões, os professores enxergam um mesmo processo, não rompido por mudanças drásticas ao longo do seu decurso.

Seria previsível esperar, frente às suposições de senso comum de que todos os professores de História tendem a ser “revolucionários”, que as revoluções políticas e os movimentos de trabalhadores fossem valorizados como agentes de câmbio na história, mas não é isso que acontece. Parece que o posicionamento político dos professores de História se aproxima da valorização de iniciativas sociais e políticas não exclusivamente partidárias



– ou, por vezes, definitivamente alheias ao partidário. Pode ser que suas experiências com a política estejam refletidas nesta classe de atividades políticas, como demonstram pensadores das culturas políticas tais como Kushnir y Carneiro (1999) e Marcello Baquero (2001).

Gostaríamos de oferecer uma última palavra sobre o papel do conhecimento e do pensamento, na opinião dos professores de História participantes. Filósofos e pensadores e pessoas instruídas são, para aqueles, os que menos tiveram ou terão influência na história recente, considerando que os reis e os chefes religiosos não têm influência. É interessante pensar que os próprios professores poderiam estar na categoria de intelectuais/pessoas instruídas, o que indica possível descrença de que os professores tenham possibilidades de influência sobre o futuro, ou também uma leitura com pretensões de realismo considerando a avaliação da realidade, em uma perspectiva pouco voluntarista, ou seja, para além de juízos de valor, constatam que o processo histórico é assim.

Outra leitura desse dado, ainda, é considerar que, em sintonia com a concepção elitista do saber dominante em nossas sociedades, não interpretam o professor como um intelectual, mas como outro tipo de trabalhador. Isso contrasta até certo ponto com a investigação qualitativa, que sustentou o apreço ao conhecimento, em caráter humanista, por parte dos professores. Não se pode afirmar com segurança, porém, que se a pergunta fosse direta, os professores valorizariam mais a sua própria possibilidade de interferência na história principalmente se considera-se que o conhecimento e a ciência são fatores importantes para influenciar as mudanças, na opinião dos participantes.

A tabela 9, por fim, indica claramente que filósofos, pensadores e pessoas instruídas são considerados, pelo menos para o passado, um fator tanto mais importante quanto mais à direita está o respondente, relação que não se verifica com a mesma clareza quando a pergunta é referente ao futuro.

Tabela 9: Cruzamento entre votos e influências nas mudanças

<b>11.Nas eleições, você geralmente vota em candidatos e partidos:</b>	<b>Influência de filósofos, pensadores e pessoas instruídas no passado recente</b>	<b>Influência de filósofos, pensadores e pessoas instruídas no futuro próximo</b>
De esquerda	,13	,29
De centro-esquerda	,06	,03
De centro	,35	,22
De centro-direita	,38	,00
De direita	1,00	,29

Fonte: Projeto Jovens e História, 2012/13.

## A investigar

Os dados demonstraram que alguns *insights* sobre a formação de professores de História que temos como certos, ao menos no senso comum, se confirmam em uma investigação de caráter estatístico. Entretanto, é preciso fazer ainda outras perguntas, com a finalidade de complexar a análise. Por exemplo, é ainda necessário cruzar os dados que temos de professores de História com as visões políticas que estão nos extremos (muito conservadoras e muito revolucionárias), com variáveis como sexo, idade, tipo de formação, tempo de experiência profissional e, principalmente, sobre sua opinião sobre a importância de ensinar história na escola.

É importante abrir espaço para investigações futuras de tipo qualitativo e quantitativo que possam aprofundar-se nas relações entre ensinar história, religiosidade e política, e entre o posicionamento político e a efetiva participação política em partidos, sindicatos ou movimentos sociais.

Ainda faz falta, na pesquisa sobre educação e formação de professores, investigações de caráter longitudinal, que possam seguir professores de História desde a entrada na vida profissional até outras etapas no tempo, o que ajudaria a melhor responder perguntas como a relação entre a geração e a posição política ou entre o tempo de experiência de trabalho e a militância política.

## Notas

1 Parte desta investigação foi financiada pela Capes.

2 Outra pesquisa, feita nos anos 1990 e discutida por Tenti Fanfani (2007) constatou as mesmas médias de idade para professores de Brasil, Peru, Argentina e Uruguai.

3 Essa alternativa não existe no questionário brasileiro, em que não existe na prática a diferença de formação em instituições universitárias ou terciárias (a pergunta não se refere a instituições públicas ou privadas). Por isso, toda a frequência se refere aos demais países da amostra.

## Referências

ADLER, Susan (Ed.). **Critical issues in social studies teacher education**. Nova Iorque: Information Age Publishing, 2004.

ARENDT, Hannah. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

BAQUERO, Cesar Marcello. Cultura política participativa e desconsolidação democrática: reflexões sobre o Brasil contemporâneo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 4, 2001. p. 98-104.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2008.

BOBBIO, Norberto. Política. In: BOBBIO, Norberto *et al.* **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Unb, 1998.

BOIXADER, Agnès. **Innovació en el currículum de Ciències Socials i formació del professorat**: Una recerca-acció. Tese (Doutorado). Departamento de Didàctica de la Llengua, de la Literatura i de les Ciències Socials, Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10803/4665>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

BOTO, Carlota. A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classes, por escrito. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 23, n. 61, dez. 2003. p. 378-397.

BUENO, Belmira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 11, jan./jun. 2002. p. 11-30.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Processos de conceitualização da ação docente em contextos de sentido a partir da Licenciatura em História**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8898/000590523.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 set. 2012.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999. – (Encyclopaedia). Características da educação moderna, p. 195-219.

CATANI, Denice; BUENO, Belmira; SOUSA, Cynthia. “O amor dos começos”. Por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 111, dez. 2000. p. 151-171.

CERRI, Luis; AMEZOLA, Gonzalo. Jovens brasileiros e argentinos diante da história – uma investigação intercultural sobre ensino e aprendizagem da história. In: **Segundo Congreso Nacional y Primer Encuentro Latinoamericano de Estudios Comparados en Educación**. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Estudios Comparados en Educación, 2007. p. 1-10.

CHAUÍ, Marilena. Notas sobre utopia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.60, p.7-12, jul. 2008. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v60nspe1/a0360ns1.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

CHIN, K.; BARBER, Clifton. A multi-dimension exploration of teachers' beliefs about civic education in Australia, England, and the United States. **Theory and research in social education**, Washington, DC, v. 38, n. 3, p. 395-427, Summer, 2010.

DE ROSSI, Vera Lúcia Sabongi. Utopia é traição no círculo da emancipação? In: BITTENCOURT, Á. & CORBALÁN, A. (Dir.). **Américas y culturas**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2009, p.117-132.

EVANS, Ronald. Teacher conceptions of History revisited: ideology, curriculum and student beliefs. **Theory and research in social education**, Washington, DC, v. 18, n. 2, Spring, 1990. p. 101-138.

FERREIRA, Angela; PACIEVITCH, Caroline; CERRI, Luis Fernando. Identidade e decisões políticas de jovens brasileiros, argentinos e uruguaios. **Cultura Histórica & Patrimônio**, Alfenas, v. 1, 2012. p. 21-38.

FURTER, Pierre. **A dialética da esperança**: uma interpretação do pensamento utópico de Ernest Bloch. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GONZÁLEZ, Maria Paula. **Los profesores y la historia argentina reciente**: Saberes y prácticas de docentes de Secundaria de Buenos Aires. Tese (Doutorado). Departamento de Didáctica de la Lengua, de la Literatura y de las Ciencias Sociales, Universidad Autónoma de Barcelona. Barcelona, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KRAMER, Sonia. Leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 106, mar. 1999. p. 129-157.

KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.24, 1999. p. 227-250.

MESQUITA, Ilka Miglio de. **Memórias/identidades em relação ao ensino e formação de professores de História**: diálogos com fóruns acadêmicos nacionais. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000437014>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PACIEVITCH, Caroline. **Responsabilidade pelo mundo: utopias político-educacionais na formação de professores de história em São Paulo e Barcelona**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

PAGÈS, Joan. **El disseny, el desenvolupament del currículum i el pensament del professor**: el cas de l'experimentació del currículum de Ciències Socials del Cicle Superior d'EGB a Catalunya. 1993. 725 f. Tese (Doutorado). Departamento de Pedagogia Aplicada, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 1993.

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e experiências do fazer-se professor**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000379547>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

PERES, Sebastião. A História nas novas bases curriculares da Educação Básica na Argentina, Paraguai e Uruguai. In: ZARTH et. al. (Org.) **Ensino de História e Educação**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2004.

PIOZZI, Patrícia. Utopias Revolucionárias e Educação Pública: rumos para uma nova “cidade ética”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, out. 2007. p. 715-735.

RICCI, Cláudia Sapag. **A formação do professor e o ensino de História**: espaços e dimensões de práticas educativas (Belo Horizonte, 1980/2003). Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../TeseClaudiaSapagRicci.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../TeseClaudiaSapagRicci.pdf)>. Acesso em: 23 fev. 2012.

RÜSEN, Jörn. What is Historical Consciousness? - A Theoretical Approach to Empirical Evidence. Paper presented at **Canadian Historical Consciousness in an International Context**: Theoretical Frameworks, University of British Columbia, Vancouver, BC, 2001. Disponível em: <<http://www.cshc.ubc.ca/pwias/viewabstract.php?8>>. Acesso em: 20 abr. 2006.

SANI, Giacomo. Cultura política. In: BOBBIO, N. et al. **Dicionário de Política** - vol. 1. 13. ed. Brasília: Editora da UnB, 2008.

SETÚBAL, Maria Alice. Equidade e desempenho escolar: é possível alcançar uma educação de qualidade para todos? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 91, n. 228, maio/ago. 2010. p. 345-366.

SHIROMA, Eneida & EVANGELISTA, Olinda. A colonização da utopia nos discursos sobre profissionalização docente. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 02, jul./dez. 2004. p. 525-545.

TENTI FANFANI, Emilio. **La condición docente**. Análisis comparado de la Argentina, Brasil, Perú y Uruguay. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

VÁSQUEZ, Nelson. **La formación del profesorado de Historia en Chile**: La formación inicial y permanente de los educadores de la V región en el marco de la reforma educacional. Tese (Doutorado). Departamento de Didáctica de las Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Barcelona, 2004. Disponível em: <<http://www.tdx.cat/handle/10803/1330>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

VILLAQUIRÁN, Tomás. **La enseñanza de la historia en la escuela básica venezolana**: visión del profesorado. Tese (Doutorado) - Departamento de Didáctica de las Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Barcelona, 2008. Disponível em: <<http://www.tdx.cat/handle/10803/1337>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

ZAVALA, Ana; SCOTTI, Magdalena. (Comp.). **Historias de la enseñanza de historia**: relatos que son... teorías. Montevideo: CLAEH, 2005.

Recebido em 02 de agosto de 2014  
Revisado em 09 de novembro de 2015  
Aceito em 11 de novembro de 2015